



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - 2016

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

DISLEXIA E MUSICALIDADE: ULTRAPASSANDO AS BARREIRAS DO DISTÚRBIO

Autora:

KRUG, Flavia Susana¹

¹ Mestranda em Letras – Universidade de Passo Fundo – UPF. Graduada em Letras Português e Respektivas Literaturas – Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI. Professora. Secretária Escolar. Escola Marista Nossa Senhora Medianeira. Rua Valentim Zambonato, 85. Centro. Erechim/RS. CEP: 99700-000. flaviakrug@hotmail.com

DISLEXIA E MUSICALIDADE: ULTRAPASSANDO AS BARREIRAS DO DISTÚRBO

RESUMO: Dislexia e Musicalidade: ultrapassando as barreiras do distúrbio, teve como objetivo, compreender a dislexia como dificuldade de leitura e produção escrita, identificando que há outros tipos de habilidade que podem ser desenvolvidas para suprir tais dificuldades, como a musicalidade. Por meio de leituras diversas, reafirmaram-se conceitos e características acerca do distúrbio. Percebeu-se, de acordo com o aprofundamento dos conteúdos, que habilidades de percepção musical relacionam-se com habilidades cognitivas. Notou-se ainda, que experiências musicais, em especial a execução de instrumentos, envolvem o corpo, movimentos, percepções, emoções, interações sociais e cognição, constatando-se também, que a musicalidade integra diversos aspectos do ser, tornando-se experiência integradora que contribui para a formação social dos indivíduos e, para tanto, seus reflexos em outras áreas, são consequência da prática.

Palavras-Chave: Dislexia. Música. Linguística. Musicalidade.

ABSTRACT: "Dyslexia and Musicality : overcoming barriers disorder", had as goal , to understand dyslexia and difficulty reading and writing production , identifying that there are other kinds of skill that can be developed to overcome these difficulties, such as musicality. Through several readings, they reaffirmed - concepts and features about the disorder. It was noticed, according to the deepening of the contents, that music perception skills relate to cognitive abilities. It was also noted that musical experiences , especially the implementation instruments, involve the body, movements, perceptions, emotions, social interactions and cognition, having noticed too, that musicality integrates various aspects of being, becoming integrative experience contributing to the social formation of individuals and, therefore, its repercussions in other areas, are a result of the practice.

Keywords: Dyslexia. Music. Linguistics. Musicality.

1 INTRODUÇÃO

O presente instrumento consistiu na necessidade de afirmar social e culturalmente, por meio de leituras e relatos, o conceito de Dislexia nos dias atuais, delineando os parâmetros de orientação para identificação do distúrbio, sem confundir-lo com as dificuldades naturais que qualquer “estudante comum” encontra para ser letrado, haja vista que, a mesma depara-se intrinsecamente direcionada a um problema de linguagem, particularmente no âmbito da comunicação.

Entender a mente humana ainda é um desafio difícil e polêmico. Compreender como se aprende, o porquê das pessoas inteligentes, ou acima da inteligência normal, apresentarem dificuldades específicas em relação à leitura e à escrita, será o maior dos desafios impostos aos pesquisadores e profissionais multidisciplinares.

O termo dislexia, ainda é visto de maneira preocupante, sem entendimento e compreensão adequados, o que interfere no entender o seu funcionamento, respeitando-o e analisando-o para minimizá-lo e, assim, perceber o potencial dos disléxicos.

Considerando a dislexia um distúrbio da leitura e da escrita, em que ler transforma-se numa tarefa de grande dificuldade e, escrever, corresponde a ato de transcrever o que se processou através da imagem e do ouvir, a maneira como a escola e família lidam com este problema de aprendizagem

poderá influenciar na forma como cada um aprende e processa as informações e, conseqüentemente, numa maior ou menor tranquilidade na execução de tais tarefas.

A dislexia passou a ser um assunto polêmico, de origens fincadas em estudos científicos, exigindo que seja compreendida, em um primeiro momento, não como problema mental, mas como um obstáculo que afeta grande parte da população, empobrecendo sua capacidade de ler, soletrar e escrever, independentemente de classes sociais ou níveis de inteligência.

Indiscutivelmente, é importante o processamento fonológico em função da aquisição da leitura e da escrita. Caso ocorram impedimentos durante o processo, estes poderão acarretar num comprometimento severo do processo, gerando sérios problemas que podem se estender à vida adulta. Na grande maioria das vezes, trata-se da dislexia. Saber avaliar e intervir junto aos indivíduos portadores deste distúrbio, é prevenir conseqüências no seu desempenho da escrita e da leitura.

Muito se ouve falar quanto aos benefícios da música para a aprendizagem, em função do favorecimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo, os quais se correlacionam com áreas cerebrais interligadas e dissociadas. Abordagens sobre a música e seus benefícios na área da educação, não se limitam a relatar experiências detectadas, mas, sim, direcionar seu potencial como ferramenta facilitadora do processo ensino-aprendizagem, haja vista ter ela, a música, uma função cultural relevante. A música tem a função de colaborar com os estímulos necessários ao cérebro no desenvolvimento das diferenças cognitivas, destacando que se aprende melhor em situações em que se tenha oportunidade de vivenciar a riqueza de detalhes emocionais, por meio da acuidade auditiva.

O indivíduo com dificuldades de aprendizagem, certamente, ao desenvolver atividades ligadas à música, não sentirá, de forma tão intensa, os obstáculos que surgirão em função dos distúrbios. Além de ser uma poderosa herança cultural, é criativa, autoexpressiva e sensível em qualquer aspecto, permitindo a livre expressão do pensamento e da emoção, uma fonte inesgotável de desenvolvimento, auxiliando na construção da identidade, socialização e autorrealização pessoal.

A linguagem existe há cerca de 100 mil anos e faz parte do nosso patrimônio genético. Aprende-se a falar naturalmente sem necessidade de ensino explícito, havendo uma relação profunda entre usos primários (falar e compreender o oral) e usos secundários (ler e escrever) da língua, os quais condicionam a compreensão da leitura, na forma de entendimento do que se lê, dependendo do conhecimento que se possui da oralidade da língua.

Mousinho (2003) definiu dislexia como *transtorno específico de leitura* o qual maleficia a precisão e a fluência da mesma, desservindo a compreensão do material lido, o que repercute em todas as áreas do conhecimento, principalmente no processo de letramento. Bergamo (2005), caracterizou a dislexia como um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns, muito frequente, com diversos equívocos de diagnóstico para o mesmo.

Quando não recebem o diagnóstico correto, as crianças que o apresentam tornam-se problemáticas em todas as disciplinas escolares e frequentemente são taxadas de “burras”, “ignorantes” e “indolentes” – o que tem, é lógico, um impacto nefasto sobre sua autoestima (BERGAMO, 2005, p. 104).

Segundo Sana (2005), a dislexia é um obstáculo para a aprendizagem, caracterizando-se pela incapacidade de o indivíduo ler com a mesma facilidade de outros, não alterando sua capacidade intelectual.

Para Massi (2008), a dislexia não é resultado de uma alfabetização precária, desatenção, condições socioeconômicas ou pouca inteligência, nem tampouco, perda da acuidade visual, nem problema mental. Para a autora, os indícios são decorrentes de uma condição de hereditariedade modificada geneticamente. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV (1995), a dislexia é caracterizada como o comprometimento acentuado no desenvolvimento das habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura, promovendo omissões, distorções e substituições de palavras, acompanhada de uma leitura lenta e vacilante. Para a *Word Federation of Neurology* (1968), (Federação Mundial de Neurologia), a dislexia é o distúrbio funcional localizado no hemisfério cerebral esquerdo (área que, na maioria dos destros, é responsável pelos processos de linguagem, de leitura e de escrita), de forma específica no plano temporal, apresentando falta da assimetria habitual de tamanho, proporcionando nítida lentificação.

Para a *International Dyslexia Association* - IDA (1994): dislexia é o distúrbio da aprendizagem, especificamente de origem constitucional, caracterizando-se pela dificuldade na decodificação de palavras simples, as quais mostram, como via de regra, coexistir a insuficiência no processamento fonológico. A Associação Brasileira de Dislexia (1994) definiu dislexia, como distúrbio significativo da aprendizagem de ordem específica e de origem constitucional, caracterizando-se por uma dificuldade na decodificação de palavras simples. A dislexia manifesta-se por intermédio de vários obstáculos representados em diferentes formas de linguagem incluindo, além das complexidades da leitura, um impasse da escrita e soletração.

Por sua vez, Correia (2008), colocou ser a dislexia atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processos da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia e da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral e/ou distúrbios de comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de privação sensorial, cultural ou de fatores pedagógicos. Para Freitas (2009), a dislexia, apresenta-se de forma correlata biologicamente, através de deficiências cognitivas funcionais. Segundo Shaywitz (2008), a dislexia é a dificuldade específica de aprendizagem, especificamente na leitura, afetando, também a escrita e a palavra falada. Condemarim e Blonquist (1989) definiram dislexia como um conjunto de sintomas os quais demonstram disfunção parietal, provavelmente hereditária, tornando-se prejudicial à aprendizagem, frequentemente conjunta com transtornos da aprendizagem (escrita, ortografia, gramática e redação). Para que ocorra a leitura, é necessário desenvolver a visão de que palavras são divididas em pequenas partes e que delas, surge uma palavra

e, posterior, uma oração, representadas pela escrita, sendo absorvidas pela leitura. Nos disléxicos, esta concepção não ocorre.

Ianhez e Nico (2002, p. 212), entenderam a dislexia como:

Atividades cerebrais as quais indicam haver diferença mínima no padrão de organização das células nervosas do cérebro. Segundo os autores, a Dislexia se faz presente através da dificuldade com cálculos mentais, dificuldade em organizar tarefas, dificuldade com noções espaço-temporais, desempenho inconstante com relação à aprendizagem da leitura e da escrita; dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; relutância para escrever; confusão entre letras de formas vizinhas, como "moite" por "noite", "espuerda" por "esquerda"; confusão entre letras foneticamente semelhantes: "tinda" por "tinta", "popre" por "pobre", "gomida" por "comida"; omissão de letras ou sílabas, como "entrando" por "encontrando", "giado" por "guiado", "BNDT" por "Benedito"; "aprendendo" por "aprendendo"; União de uma ou mais palavras ou divisão inadequada de vocábulos: Eraumaves um omem" por "Era uma vez um homem", "a mi versario" por "aniversário"; leitura e escrita em espelho.

De acordo com Moojen (2006), a dislexia apresenta-se por meio do transtorno específico nas operações implicadas no reconhecimento das palavras que compromete, em maior ou menor grau, a compreensão da leitura e ainda de forma moderada geneticamente, afetando um subconjunto, claramente minoritário, de alunos com problemas na aprendizagem da leitura e da escrita. Considera, ainda, a Dislexia um transtorno de aprendizagem da leitura e escrita em graus altamente severos, em sujeitos com capacidade intelectual normal.

Psicólogos, pedagogos, neurologistas, psicopedagogos, dentre outros profissionais que estudam o fenômeno, dividiram a Dislexia de acordo com os sintomas apresentados pelo disléxico. Assim, numa classificação feita por Morais (2003), tem-se: Dislexia Auditiva: “[...] caracteriza-se pela dificuldade em distinguir semelhanças e diferenças entre sons acusticamente próximos; em perceber sons no meio de palavras; em análise-síntese, memória e sequências auditivas” (MORAIS, 2003, p. 97); Dislexia Visual: “[...] caracteriza-se pela dificuldade em diferenciar, interpretar e recordar palavras vistas visualmente” (MORAIS, 2003, p. 97); Dislexia Disfônica: “As principais dificuldades deste tipo de Dislexia, residem na discriminação auditiva de sons acusticamente próximos, na análise síntese e na sequência auditiva dos sons que constituem as palavras” (MORAIS, 2003, p. 98); Dislexia Disidética: “[...] refere-se às dificuldades em: percepção visual de palavras, análise-síntese, memória visual e orientação espacial.” (MORAIS, 2003, p. 97).

A lateralidade e a direcionalidade têm sido tema para autores que se dedicam ao estudo da psicomotricidade, pois ambas encontram-se ligadas com as zonas hemisféricas cerebrais, responsáveis pela manifestação de comportamentos motores e sensitivos. A lateralidade é considerada uma das variáveis do desenvolvimento psicomotor, extremamente relevante para o desenvolvimento da aprendizagem. Por meio de pesquisas, obteve-se a evidencia da mesma envolvida em todos os níveis

do processo de aprendizagem escolar, sendo, de certa forma, a preferência da utilização de uma das partes simétricas do corpo: mão, olho, ouvido, perna (ROCHA, 2008).

Segundo Farias (2004, p. 83):

[...] lateralidade tem relação com o conhecimento do próprio corpo, contudo, não depende unicamente do desenvolvimento cognitivo, mas também da percepção, formada tanto de sensações visuais, táteis, sinestésicas e, em parte, da contribuição da linguagem, que ajuda a precisar os conceitos, estabelecendo a distinção entre o seu eu e o mundo exterior.

Rotta, sobre a lateralidade, demonstrou que a criança estrutura-se de forma espacial somente quando:

[...] toma conhecimento dos diferentes termos espaciais e da realidade ao aprender a se orientar combinando várias orientações, tendo noções de obliquidade, ocupando um espaço pré-determinado, organizando trajetos etc; - compreende o que muda de uma figura para outra nas representações espaciais, percebendo relações tais como: a simetria — a oposição — o ritmo — a inversão — a transposição — os elementos orientados, de acordo com um movimento rotatório — os elementos adicionados ou subtraídos (2008, p. 72).

Shawyitz (2008) relatou que dificuldades de orientação espacial e atar cadarços dos sapatos, caracterizam problemas de lateralidade. Chamou a atenção para condições físicas que contribuem como distúrbio de aprendizagem, acarretando problemas visuais e auditivos, lateralidade e orientação espacial confusas, má imagem corporal, e outros problemas físicos, inibindo a capacidade de aprender.

Ianhez e Nico (2002) descreveram dentre alguns sinais de dislexia, passíveis de serem observados na sala de aula em especial, os problemas de lateralidade (confusão entre esquerda e direita), como características da mesma. Para Fonseca (1995), os disléxicos apresentam confusão na lateralidade, sem distinções.

Na visão de Romero (1988), devem-se levar em conta algumas considerações como importantes referentes à direcionalidade e lateralidade em relação à aprendizagem, quando apresentarem dificuldade em relação ao meio espacial (criança X meio), orientação, esquematização e estruturação corporal, discriminação direita/esquerda, movimentos do corpo no espaço e tempo. Para ele, a lateralidade não tem conseguido provar por si só, ser responsável pelas dificuldades escolares.

Dislexia, Leitura e Oralidade

A leitura é um dos processos de aprendizagem mais complexos, por isso está agregada a dificuldades e obstáculos dos mais diversificados. A leitura é fator fundamental e favorecedor de futuros conhecimentos, uma ferramenta indispensável para o alicerce das relações interpessoais, comunicação e expressão, tendo como mediação a oralidade, assumindo autonomia, a partir do

momento em que, seu aprendiz, cria de fato, domínio sobre ele (MASSI, 2008). Segundo Freire (1996), a leitura de mundo revela a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela, também, o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência perante a sociedade.

Estudos e pesquisas recentes comprovam que a leitura deve ser ensinada a partir da oralidade, onde possibilitará perceber suas apreensões e falhas. Havendo um grande conjunto de pressupostos ligados à oralidade e sua fundamental importância para o posterior domínio da leitura, em decorrência deste processo evolutivo, a criança poderá, na sequência, se afastar da escrita, por não ter sido introduzida de forma adequada ao mundo fascinante da fala apontando também ser a leitura, um dos degraus mais difíceis numa escada em direção à aprendizagem. Em especial, na oralidade, no escrever como se fala, no confundir letras parecidas como “f” e “v”, no juntar palavras e letras de modo “ocasional” (FREITAS, 2009).

A oralidade fundamenta-se na concretização da passagem e aquisição de importantes aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos (FREITAS, 2009). No entanto, ainda segundo a autora, aprender a ler e posterior escrever, numa sociedade que nos impõe um sistema alfabético por meio de registro, implica fundamentalmente na representação de cada letra, conhecendo seu som dentro da expressão oral e, em seguida, na sua transcrição.

Capelline (2004), afirmou que o distúrbio específico da leitura ou *Dislexia do Desenvolvimento*, define-se por meio da incapacidade neurológica e congênita, interferindo no potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, não desempenhando adequada e satisfatoriamente a habilidade da leitura.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2008), os disléxicos apresentam dificuldade fonológica não somente quanto à identificação do significado de discriminação sonora da palavra inteira, mas ainda na percepção das partes sonoras diferenciadas de uma mesma palavra. Desta forma, se tornarão empecilhos significativos proporcionando difícil soletração de sílabas e palavras, dificultando a leitura.

Ianhez e Nico (2002), observaram que a dislexia é mais incidente no período de 6 e 7 anos, momento em que os indivíduos alfabetizam-se, possibilitando ser claramente observado. Crianças com facilidade de aprendizagem, e mesmo as que não a tem, apresentam atipicamente, lentidão, soletração e esforço redobrado para ler uma letra. Entender o som que ela possui e acrescentá-lo, posteriormente, em uma palavra, é situação que ocorre mesmo quando houver a compreensão da leitura de forma normal.

Rotta (2008), afirmou que a leitura é uma forma complexa de aprendizagem simbólica proporcionando mudanças triviais em uma palavra, alterando por completo sua pronúncia e significado. Tal processo envolverá os vários tipos de memorização, organização textual e imagem mental, variando de indivíduo para indivíduo, independentemente de idade, maturação, sexo,

hereditariedade, tipo de língua, grau de estudo, situação cultural e social, prática e motivação. Os disléxicos têm dificuldade para identificar as letras com precisão e velocidade para formar as sílabas. Existem diferentes graus de comprometimento e os sintomas variam conforme a idade. Crianças em fase escolar sofrem para adquirir a habilidade de leitura e escrita e, quando conseguem, seu ritmo é mais lento que os colegas. Para elas, copiar textos da lousa, escrever redações e realizar provas dissertativas, são atividades extremamente penosas.

Para algumas, tais dificuldades acarretam, ainda, problemas de estudo, afetando muitas vezes sua autoestima em relação à dificuldade em decodificar palavras simples. Desta forma, um grau acentuado de insuficiência no processo fonológico surgirá, e este será lento, diferenciado, sacrificante, haja vista que seu tempo não é de fato nem parecido com os demais indivíduos (ROTTA, 2008).

Dislexia e produção da Escrita

Por meio de estudos, pesquisas e relatos podemos entender que a incapacidade de transcrever, na escrita, o que se ouviu, é um dos entraves mais comuns da dislexia que se associa com outras dificuldades específicas: Disgrafia, Disortografia e Discalculia.

Numa mente normal, as palavras ficam armazenadas no léxico ortográfico de cada indivíduo, devendo ser lidas diretamente, o que torna mais eficiente o processo de decodificação. O disléxico, por sua vez, entende as palavras pronunciadas oralmente. No entanto, ao necessitar escrever, a dificuldade se transforma numa barreira, impossibilitando-o de transcrever, adequadamente, o que ouviu, comprometendo a destreza e o desempenho de escrever (MOOJEM, 2006).

Os disléxicos demonstram o pavor que os persegue, em especial os sentimentos de fracasso, frustração e desmotivação caracterizados no desempenho da linguagem oral e escrita. Relacionar letra (grafema) e sua respectiva representação sonora (fonema) promove, nos disléxicos, trocas visuais (a/e/o, m/n/w, d/b, q/g) e auditivas (f/v, d/t, ch/j, b/p) (SAMPAIO, 2011).

Para Hout e Estienne (2002), a leitura silenciosa dos disléxicos é de maneira subvocal, através de murmúrios, gesticulação labial, soletração de sílabas de forma discreta, murmurante ou acompanhada de movimento de lábios ou glote.

Tal complexidade na soletração das palavras, no desentendimento em relação à sílaba tônica, no esforço para o reconhecimento das palavras isoladas – acarretando, acentuadamente, a invenção de palavras - na frágil pronúncia em partes das palavras e seus significados, leva os disléxicos ao cansaço para memorizá-las e revertê-las em imagem e, em consequência, a uma escrita debilitada. A tendência da escrita ilegível, de maneira rotineira, sem o hábito da leitura, advém da falta de interpretação e compreensão, da escassez de vocabulário próprio, do conhecimento limitado do significado em função do distúrbio estar ligado às atividades diárias que, geralmente, se apresentam empobrecidas e limitadas

para produzir textos, pois “escrever”, para a maioria dos disléxicos, é algo muito distante (ROTTA, et.al., 2008).

Pela importância que os distúrbios de linguagem escrita assumem na produção dos disléxicos e, por interferir diretamente no estudo de caso deste trabalho, faz-se, a seguir, uma rápida definição dos termos mais utilizados no aspecto de análise da produção escrita: disgrafia e disortografia.

Disgrafia é uma palavra de origem grega de significado “*dys*” dificuldade e “*graphos*” grafia. Apresenta-se em forma de disfunção motora para grafar os fonemas, dificuldade expressiva para a escrita, perturbação da mesma quanto ao traçado das letras e disposições gráficas. O disgráfico apresenta deficiências na representação escrita, mesmo que, aparentemente, não seja percebido nenhum déficit de origem neurológica ou intelectual. A competência escrita desenvolve-se de forma completa e adequada por meio de elementos importantes referentes à capacidade de nomeação, vocabulário, consciência fonológica, raciocínio e narratividade; para os disléxicos, tais recursos são incompletos. Em relação à grafia, o disléxico apresenta uma escrita demonstrada de forma frágil, desorganizada, desproporcional, sem respeito às margens, linhas e tamanho de forma ascendente e descendente, sem respeito às regras da caligrafia, letras atrofiadas e sem regulação de tamanho, sem forma e proporção adequadas, por vezes espichada ou encurtada demasiadamente (AJURIAGUERRA,1998).

A Disgrafia, como impedimento da escrita, afeta significativamente, a coordenação motora das mãos, produzindo grafia desparelha, desorganizada, afadigada, descompreensiva, caligrafia deficiente, diferenciada e sem elaboração, postura incorreta ao segurar o lápis ou a caneta, excesso ou insuficiência de pressão sobre o papel, ritmo da escrita lento ou excessivamente rápido (MAFRA, 2006). Para o autor, a chamada “letra feia”, Disgrafia, ocorre devido à incapacidade de lembrar da letra escrita. Ao tentar recordar o grafismo, o disléxico escreve lentamente e, na maioria das vezes, une sem precisão as letras, tornando-as ilegíveis, amontoando-as na tentativa de esconder os erros, desenhando-as no papel de forma excessivamente grande ou minúsculas por demais, com inclinações diferenciadas, desligadas umas das outras, sobrepostas, repetidas, do tipo imprensa para a cursiva, distorcidas, com grafia incompreensível, rebuscamentos, borrões, retoques, agrupamentos, esquecimento de letras ou ainda, indefinição das mãos (direita ou esquerda) com tendência ao sinistrismo, canhotismo, lateralidade cruzada ou contrariada.

Nem todos os “erros” ou “desvios”, decorrem deste distúrbio e suas ações linguísticas, pois entende-se que tais “erros” – pausas, hesitações, reorganizações, lapsos, esquecimentos - são considerados normais para a linguagem. O processo da escrita é linear e ocorre de forma constante e natural e certas instabilidades, se farão presentes na escrita por tratar-se de um processo de apropriação. A escrita passa a ser o reflexo da fala, de maneira que afirma o compromisso direto dos sons da língua e seu entendimento com as letras. A escrita, vista de forma a permitir-se como um processo de construção linguística, baseia-se em parâmetros pertinentes à sua estruturação e

significância se a aprendizagem e conhecimento forem absorvidos pelo indivíduo. Ao escrever, os digráficos demonstram a realidade de uso da linguagem em situações simples que os colocam em extremo desconforto, fechando portas para uma relação com as palavras e, conseqüentemente, com a sociedade (MASSI, 2008).

“Testar” o indivíduo, em especial os digráficos, através de modalidades ditas “práticas e de prontidão”, na grande maioria das vezes, além de suprir a real compreensão da linguagem, cria situações constrangedoras, desnecessárias e sem valia, pois tarefas mecanizadas dificultam, ainda mais, a proximidade e o contato do processo escrita-linguagem-aprendizagem. A escrita segue padrões de transcrição, enquanto que a fala proporciona diferentes espaços à significação das palavras, proporcionando livre pronúncia como troca de letras, monotongação do ditongo decrescente, etc: “iscada” ou “escada”, “peixe” ou “peixe”, “caxa” ou “caixa” (ROTTA, 2008).

A disgrafia desvia o trajeto natural do aprender, jogando para muito longe a possibilidade de interpretação de uma sequência textual, transformando a expectativa, para o digráfico, em nula e sem sentido, prejudicando, de maneira considerável, sua manifestação escrita, oral e expressiva (MASSI, 2008, ROTTA, 2008).

Tamanho, tipo de letra, cor, formato, elemento pictórico, alinhamento, traçado, tracejo, representações gráficas e significativas à transcrição da perspectiva do digráfico, tornam-se um emaranhado de confusões frasais sem sentido e sem necessidade, indo além ou aquém do que pensa, haja vista que, para os digráficos, trata-se de cometer equívocos na forma de turbilhão de palavras desentendidas (ROTTA, 2008).

Segundo Moojen (2006), na Disgrafia exige-se um esforço sobre-humano, onde o domínio da língua escrita complica-se bem mais ao ser redigida, demonstrando inabilidade para aprender oralmente, sem rasuras, tropeços, erros, falhas, desvios.

Os digráficos demoram para realizar tarefas simples, denotam lentidão na locomoção, atraso na linguagem, dificuldade de entendimento das letras, rara percepção, memória e análise visual prejudicadas, inexistência de recursos primordiais para o desempenho das funções do cérebro, má capacidade de identificação de símbolos gráficos (letras e/ou números), escrita não proficiente (SAMPAIO, 2011).

Diversos autores, ao analisarem a dislexia, remetem-na para a Disortografia de forma conjunta, apontando que a criança com dificuldade ao nível da leitura, revelará problemas juntamente com a escrita.

O Termo Disortografia, também do grego, deriva dos conceitos “*dis*” (desvio), “*orto*” (correto) “*grafia*” (escrita), ocasionando dificuldade manifestada através de uma sequência de erros na escrita, os quais perturbam as aptidões da mesma, tornando-se obstáculos persistentes e recorrentes da capacidade do indivíduo em compor textos escritos, centralizando-se na organização, estruturação e composição do escrito e, quando feito, a construção frásica será mínima, sem maiores significados,

com a presença de múltiplas imprecisões ortográficas e, por vezes, peculiaridades gráficas, fora das regras estabelecidas, comprometendo o entendimento acadêmico (PEREIRA, 2009).

Por outro lado, alguns aprendentes carregam as alterações, muitas vezes apontadas como as características do distúrbio da escrita, por consequente fragilidade do ensino, o qual não aprofundou sua fundamentação teórica adequadamente na prática, através dos seus docentes. Estes mesmos alunos buscam, na educação escolar, uma fonte de contato com a escrita, que deveria suprir suas dificuldades e, no entanto, percebem que muitas das metodologias utilizadas não são eficazes, prejudicando-os e inibindo-os ainda mais a partir do momento em que perceberem suas falhas (MASSI, 2008).

Os disgráficos, na sua grande maioria, apresentam dificuldades na ortografia e na gramática, com produções curtas, deixando claro o seu desinteresse pelo ambiente escolar. E, em relação à escrita, a dificuldade se acentua, sobretudo na produção de textos com diálogos, em que a definição de parágrafos e a pontuação empregada tornam-se cruciais para a produção da mensagem (SAMPAIO, 2011).

As trocas mais comuns, para os disgráficos, de acordo com Sampaio (2011) ocorrem: com as letras pares (que se parecem foneticamente), como *faca/vaca*, *chineló/jinelo*; confusão de sílabas: *encontraram/encontrarão*; adições: *ventilador*; omissões: *cadeira/cadera*, *prato/pato*; fragmentações: *em saiar*, *a noitecer*; inversões: *pipoca/picoca* e junções: *no meiodatarde*, *voltarei maistarde*.

De acordo com Massi (2007), Rotta (2008) e Sampaio (2004, 2008), comprometimento da automatização da escrita, produção deficiente de textos, ensino imaturo ou ineficaz, ignorância das regras de composição escrita, dificuldade em recordar os processos e subprocessos os quais envolvem a escrita, carência nas capacidades metacognitivas de regulação e controle da mesma, confusão entre letras, sílabas e trocas ortográficas já conhecidas, inversões, aglutinações, omissões e desordem na estrutura da frase, nível de espaço temporal comprometido, desorientação e direcionalização equivocada das letras, sem discernimento dos grafemas e traços deles semelhantes, são características fortemente presentes nos disortográficos, relacionando-se com aspetos perceptivos, intelectuais, linguísticos, afetivo-emocionais e pedagógicos.

Para os autores, muitos são os indícios que apontam para a Disortografia, citando entre os principais, as omissões, adições, inversões de letras, de sílabas ou de palavras; troca de símbolos linguísticos sonoramente semelhantes (“foi”/“voi”); substituições de letras diferenciadas pela colocação espacial (“b”/“d”); confusão com fonemas de dupla grafia (“ch”/“x”); esquecimento do “h”, por não ter correspondência fonêmica; não reconhecimento de sínteses e/ou associações entre fonemas e grafemas, disposição de qualquer maneira, sem sentido e significância; desconhecimento de sequências gráficas ao juntar palavras como “ocarro” em vez de “o carro”, junção de sílabas pertencentes a duas palavras “no diaseguinte”; separação incorreta; falta de “m” antes de “b” ou “p”; sem regras de pontuação; esquecimento da letra maiúscula no início das frases; não entendimento de

separação em sílabas, mudança de linha, espaçamento de palavras, utilização do hífen; transposição de letras no interior das palavras “pobre – pober, pipoca - picoca”; ocorrência frequente de erros ortográficos, sejam estes de caráter linguístico-perceptivo, visoespacial, visoanalítico, ou por vezes, de conteúdos referentes às regras de ortografia, são demonstrações claras da dificuldade que o indivíduo tem em relação à escrita disortográfica.

A Disortografia pode ser percebida nos indivíduos, ao término da 2ª série, por se tratar do período propício aos erros comuns de aprendizagem, onde as crianças procedem equívocos ortográficos muito simples, de forma natural, envolvendo sons e palavras impressas, haja vista ainda não dominarem tais situações. De maneira geral e mais caracterizada, percebe-se que um sujeito com Disortografia, apresenta embrulhamento das letras, sílabas de palavras e trocas ortográficas que já são conhecidas pelo estudante.

Quando o docente ou familiar não perceberem que os erros são mais do que simples distrações, é possível ter o início do distúrbio disortográfico presente, que se acelerará, aprofundará com o passar do tempo e passará a ser um problema, às vezes grave, para o usuário da língua em sua vida adulta.

Dislexia e Raciocínio Matemático

Sabe-se que a matemática existe desde a antiguidade e advém das necessidades do cotidiano, em suas particularidades e precisões. Assim como as demais disciplinas, desempenha um papel fundamental e importante para o ser humano. Tal conhecimento se beneficia com traços referentes à abstração, precisão, rigor, lógica e conclusões, desempenha função importante como elo do conhecimento em favor do raciocínio e sua expressividade.

A Associação Internacional de Dislexia (1994), demonstrou significativas semelhanças entre a linguagem escrita e a matemática como representações instituídas, por meio de símbolos perceptíveis de pequena ou nenhuma relação entre ambas. Se usarmos uma letra ou um número, as duas são representações de símbolos e, de certa forma, possuem estruturas na forma de sequência com finalidade de haver uso eficiente, exigindo sua representação correta. Necessitando de sequência lógica, facilidade verbal, aprendizado fluente e memorização. O que ocorre no cérebro de um disléxico, em relação às operações matemáticas, são desordens de raciocínio decorrentes da dificuldade no pensamento operatório, haja vista falta de estruturas mentais, dificuldades espaço temporais, dificuldade de captação da estrutura do problema pela incapacidade de compreensão da leitura do enunciado; dificuldades quando as operações são maiores e necessitem de regras, em especial a tabuada.

Massi (2008) apresentou um aspecto relevante em relação ao raciocínio necessário à linguagem e sua expressão. Afirma que, equivocadamente, as pessoas não alfabetizadas ou que apresentam dificuldades quanto ao domínio da linguagem, revelam, concomitantemente, incapacidade cognitiva

para efetuarem o raciocínio lógico. Afirma que isto nem sempre é real e que, de maneira alguma, o domínio da escrita influenciará na maior ou menor capacidade do pensar.

Segundo Massi (2008), os distúrbios da aprendizagem dificultam o entendimento dos enunciados escritos de matemática o que, apesar de serem entendidos quando lidos oralmente, exigirão memorização da tabuada e compreensão do seu processo de cálculo lógico, apontando, também, que para alguns disléxicos, suas habilidades e performances poderão se acentuar nas áreas que independem da leitura: matemática, computação, artes, biologia.

Davis (2010, p. 26), analisou a dislexia sob um olhar muito diferenciado dos demais estudiosos, quando demonstrou ser a dislexia como um dom, pois para ele, “[...] nem todos os disléxicos desenvolvem as mesmas habilidades ao demonstrar suas ideias, pensamentos, reflexões, observações em especial de imagens, habilidades artísticas”. A dislexia associa-se aos problemas encontrados por algumas crianças na escola ao se depararem com a leitura, a escrita, a ortografia e a matemática.

O PAPEL DA MUSICALIDADE NA SUPERAÇÃO DA DISLEXIA

Um aspecto que merece destaque quando se fala de dislexia, é a relação do disléxico com a música.

Grandes filósofos incluíram a música como parte importante da aprendizagem. Platão, afirmava que ritmo e harmonia penetravam na alma ficando por lá, promovendo a educação correta de sua formação em relação ao corpo e à mente. Aristóteles acreditava ser a música uma espécie de graça para o desenvolvimento da personalidade. Confúncio afirmava que a música influenciava, pessoal e politicamente, na perfeição da cultura humana.

Segundo a ABM – Associação Brasileira de Música (2002, p. 16), “[...] o cérebro, para desenvolver seu potencial por completo, necessita de múltiplos estímulos, os quais deverão agir diretamente nas centrais de comunicação. Em especial na infância, tais estímulos agem no desenvolvimento das fibras nervosas, facilitando a capacidade de ativá-las, dotando-o de inúmeras perspicácias”. Ao ouvir sons agradáveis ou melodiosos, por exemplo, o cérebro vê suas funções serem significativamente aumentadas, gerando conexões entre elas, acarretando-lhe uma espécie de treinamento prazeroso, proporcionando sensações de agrado, cooperando para suas diversas incumbências. A musicalidade, por ser um importante meio de comunicação e expressão no cotidiano das pessoas, desempenha papel fundamental no contexto da aprendizagem, agregando variedade de linguagem, permitindo descobertas para novos caminhos artísticos e desenvolvendo a sensibilidade humana.

Estudos recentes sugerem que as habilidades cognitivas são diferenciadas e específicas, entendendo que o sistema nervoso encontra-se bem mais evoluído e os centros neurais, processam diversos campos informativos (GARDNER, 1994).

A Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1985), propunha ser a capacidade inata, geral e única ao ser humano, proporcionando-lhe uma melhor ou maior performance em qualquer área a ser atuada, tendo como foco, em especial, as habilidades para o sucesso escolar. O autor estudou o desenvolvimento máximo do indivíduo, para se chegar à inteligência: avaliou diversos profissionais, em diferentes áreas culturais, com seus problemas, dificuldades, impossibilidades, diferentes habilidades em crianças normais e crianças superdotadas, lesões cerebrais em adultos, comprovando que, em muitos casos, as pessoas não perdem a intelectualidade e a perspicácia, ficando estas apenas recolhidas, escondidas em algum ponto do cérebro.

Gardner (1994), baseou-se em sete tipos de inteligências múltiplas: linguística ou verbal (poetas, escritores, advogados, atores, capacidade de usar a fala como inserção do meio em que vive); lógico-matemática (sensibilidade para padrões, ordem e sistematização, habilidade para relações, categorias, padrões, manipulação de objetos ou símbolos, habilidade de raciocínio reconhecendo problemas, resolvendo-os); sonora ou musical (apreciar, compor, reproduzir discriminar sons, percepção musical, sensibilidade rítmica, textura, timbre, habilidade para produzir e/ou reproduzir música); cinestésico-corporal (habilidade para resolver e criar, por meio do uso de parte ou de todo o corpo, coordenação grossa ou fina para os esportes, artes cênicas ou plásticas, manipulação de objetos com destreza, destreza de locomoção, expressão, estímulos musicais ou verbais, habilidade atlética, coordenação fina apurada); naturalista (inteligência biológica, perícia no reconhecimento animal e vegetal); pessoal (intrapessoal - autoconhecimento, autoestima, egocentricidade - e, interpessoal - empatia, estados de humor, motivação); espacial (plano espacial dos sólidos geométricos, compreensão do espaço, capacidade de percepção do mundo visuoespacial) (GARDNER, 1994).

Os atos cognitivos envolvem a execução de uma ação, ou ainda, uma série delas, sobre determinada tarefa ou domínio. Ao se executarem atos de forma individual, potencialmente serão avaliados nas áreas específicas do cérebro. Um indivíduo ser considerado inteligente, advém da sua herança genética e suas propriedades psicológicas, variando de pessoa para pessoa. Ser promissor numa determinada área, merece o reconhecimento acerca do seu talento expresso. Nos campos científicos, indivíduos geniais como Bethovem, Newton, Darwin, Tchaikovsky, Mozart, Shakespeare, foram considerados peritos e extremamente criativos em suas áreas artísticas e de estudo, figurando como mentes brilhantes, pessoas que marcaram o mundo em suas áreas. Contudo, algumas destas inteligências eram de pessoas com problemas de aprendizagem e que desenvolveram habilidades específicas, no caso, habilidades musicais.

Antunes (2001) define inteligência como a capacidade de entender, compreender, conhecer, discernir, adaptar-se e conviver dos seres humanos. Segundo o autor, a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, apoia-se em descobertas neurológicas, as quais mudam a linha de conhecimento acerca da mente humana, no que envolver a memória, a aprendizagem, a consciência, as emoções e inteligências em geral. O crescimento científico em relação às teorias, cresceu de forma significativa

ao compreender as disfunções mentais relativas à educação, aprendizagem, distúrbios, criatividade e memorização.

O indivíduo deverá ser estimulado em todas as inteligências, a fim de crescer sem impedimento em alguma das áreas das mesmas. O ser humano necessita de espaço para abrir-se aos estímulos, e quanto mais depressa for feito, rapidamente ele aproveitará seus dons, qualidades, possibilidades, intelectualidades. Indivíduos estimulados, instigados e comprometidos com o desenvolvimento da inteligência, quebram paradigmas, conceitos e estratégias decadentes (ANTUNES, 2001). Para o autor citado, pessoas especiais, comprometidas com as áreas da inteligência humana, emergem cedo para seus dons. Em relação à Inteligência Sonora e Musical, as pessoas que a tem como habilidade maior, antecipadamente, darão sinais que estão compelidas a fazer Música, demonstrando ritmo, harmonia, sensibilidade musical, destreza, estrutura de pensamento vinculadas aos sons, expressão, variação de estilos rítmicos, conexão com o emocional e sua personalidade, demonstrações da influência da música em sua rotina na forma de um componente essencial para eles, precisão, destreza, disponibilidade, audição aguçada.

A inteligência sonora musical é percebida de forma clara, separada das outras e precocemente. Dará sinais de compreensão, genialidade em relação à música, transformação e comunicação de sons diversos, apreciação eclética de estilos musicais e expressividade, não propriamente em função de instrumentos musicais, mas em relação à timbres e tons (GARDNER, 1994).

Para Antunes (2001), é possível que alguns indivíduos demonstrem uma ou mais inteligências afetadas por ocasião de distúrbios de aprendizagem, não comprometendo o potencial das demais.

A grande maioria das culturas tem a música como um dos recursos fundamentais essenciais com papel relevante enquanto expressão pessoal, arte, entretenimento, profissão, função ritual, religiosa, ambiente, meio de comunicação, relaxamento, dança, cinema. Atualmente, a musicalidade é cada dia mais utilizada para atividades de apoio a diversos projetos de formação e inclusão, contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais e culturais. Em relação aos disléxicos, a música exerce papel fundamental, pois auxilia na superação do medo de enfrentar a realidade, de assumir riscos, de enfrentar públicos. Como forma de expressão pessoal, ajuda a disfarçar a sensação de fadiga, dor, cansaço e favorece a autoestima. Por meio dela, os disléxicos com habilidades musicais, reforçam seu desempenho inter e intrapessoal e usufruem de inúmeros benefícios.

Sendo expressão artística, a música envolve sensibilidade, criatividade e emoção. Para nos expressarmos através dela, carecemos de intimidade com a linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possuir uma “boa leitura” e uma “escrita adequada” deveria ser o ideal de todos os leitores, estando num mesmo nível de escolaridade. A leitura é a habilidade mais complexa e difícil, diretamente relacionada com a aquisição da língua escrita.

Iniciou-se este trabalho fazendo um resgate histórico de um distúrbio que afeta “boa leitura e escrita adequada” - a dislexia – distúrbio definido como dificuldades na execução da linguagem oral e escrita. Pelo resgate buscou-se compreender a natureza do distúrbio e sua evolução até os dias atuais, sua interferência na aquisição da fala, na execução da escrita e na leitura. Aspecto importante no trabalho foram as considerações sobre o papel da música na superação de dificuldades relacionadas à autoestima, à comunicação e à convivência social.

Ao dirigirmos o olhar para o dislético, compreendemos a natureza e as implicações do distúrbio. Ler e escrever são competências naturais para o ser humano, pois são a base da aprendizagem e, sem tais recursos, muitas vezes o dislético apresentará graves lacunas em diversos setores.

Por mais que se tenham estudos e pesquisas com o intuito de abordar e atualizar o conhecimento da dislexia, através de relatos e fatos, ainda nos falta muito entendimento acerca dela e, poucos foram os avanços constatados. Ao contrário do que se pensa, a dislexia não impossibilita o indivíduo de desempenhar atividades diversas, muitas vezes acima dos parâmetros estabelecidos pela sociedade e seus preconceitos. Na maioria das situações, não há discernimento pedagógico adequado e precoce, a fim de permitir a aprendizagem, mesmo por problemas para o estudante. Os disléticos são saudáveis e completamente aptos a desenvolverem seu papel escolar e social, precisando apenas de um tratamento diferenciado na área da linguagem, em especial na fase escolar, para que possam atingir seus objetivos. É sabido, também, que a boa escolaridade não impede o distúrbio de se manifestar, sendo necessário o olhar atento dos professores, principalmente no momento da alfabetização, observando as dificuldades ditas normais da fase inicial na escolarização, discernindo às não tão comuns para o processo.

Importante ressaltar que o processo cerebral dos disléticos é perfeitamente normal; portanto, a dislexia, provavelmente, ocorra em determinadas conexões, proporcionando uma estreita relação genética com o meio onde o indivíduo se encontra. O cérebro é o recurso essencial da máquina humana, e o dislético, pode ser inteligente de grau maior e apresentar a dislexia.

Pode-se afirmar então, que o dislético, utilizar-se-á da musicalidade como meio para superar suas dificuldades decorrentes da dislexia: cercando-se de amigos através dela; interpretando letras musicais as quais disfarçarão o distúrbio dislético buscando, para tanto, aprovação sobre sua pessoa e, ainda, participará de atividades/eventos que lhe possibilitem mostrar seu talento musical. Ler e escrever tornaram-se atividades secundárias a serviço da música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABM – Associação Brasileira de Música. **A importância da música para as crianças.** Editora ABM: 1. Ed., maio, 2002, p.25-29.

ABD - Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em 20 set. 2014.

AJURIAGUERRA, J. de et al. **A escrita infantil:** evolução e dificuldades. Trad. Iria M. F. de Castro e Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANTUNES, C. **Explorando as Inteligências Múltiplas.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BERGAMO, G. **Neurônios à deriva.** Veja. São Paulo, p. 104-105, junho 2005.

CAPELLINE, S. A. **Dificuldade escolar e distúrbios de aprendizagem:** aspectos preventivos e remediativos. São Paulo: Robe Editorial, 2004.

CORREIA, L. M. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas:** Contributos para uma definição portuguesa. Coleção Impacto Educacional. Porto: Porto Editora, 2008.

DAVIS, Ronald. **O dom da Dislexia.** Rio de Janeiro: Rocco; 2010.

DSM – IV TR – **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Trad. Dayse Batista. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FARIAS, A. C. **Dislexia:** Aspectos Neurológicos (2004). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462009000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE NEUROLOGIA (1968). Disponível em <<http://www.wfneurology.org/dyslexia>>.

FREIRE, P. A. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1996.

FREITAS, T. M. de C. **O disléxico e a inclusão escolar.** Disponível em <<http://www.profala.com/artdislexia15.htm>>. Acesso em: 30 out. 2014.

FONSECA, V.D. **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

GARDNER, Howard. **Estrutura da Mente.** A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

HOUT, A. V., ESTIENNE, F. **Dislexias:** descrição, avaliação, explicação e tratamento. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

IANHEZ, M. E., NICO, M. Â.. **Nem sempre é o que parece:** como enfrentar a Dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Elsevier, 2002.

INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION (IDA) (1994;2003). Disponível em <www.interdys.org/about_od.stm>. Acesso em: 8 ago. 2014.

MAFRA, L. A.. **Sociologia para Educadores 2: O Debate Sociológico da Educação no Século XX e as Perspectivas Atuais**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

MASSI, G. **A Dislexia em questão**. São Paulo: Editora Plexus, 2008.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 10. ed. São Paulo: Edicon, 2003.

MOUSINHO, R. Desenvolvimento da Leitura, Escrita e seus Transtornos. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MOOJEN, S;. **Consciência fonológica: Instrumento de avaliação sequencial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. **Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREIRA, Rafael. S. **Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação** (vol. I e II). Editora: HF Books, Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA, B. P. **A Criança Disléxica**. Lisboa: Fim de Século, 2008.

ROMERO, E. Lateralidade e rendimento escolar. **Revista Sprint**, v. 6, 1988.

ROTTA, N. T. **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAMPAIO, S. **Distúrbios e transtornos**. Disgrafia/Disortografia. (2011). Disponível em: <www.psicopedagogia.com/disgrafia>. Acesso em: 23 ago. 2014.

SANA, Cristiane Cador. **Porque meu Filho não Aprende?** Blumenau-SC: Eko, 2005.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a Dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2008.